O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjeneres

ANO II — N. 16 | Rio de Janeiro, 1 de Setembro de 1917 | REDAÇÃO Rua do Senado 215—217 Telefone Central 1499

Necessidade de ajir

Pouco a pouco foram-se estinguindo os ultimos ecos da ruidoza gréve geral, com a qual o operariado desta capital esteriorizou em espressivos rujidos de revolta a surda colera que lateja no intimo do seu ser contra a esploração capitalista, que nos seus variados matizes o vai torturando e reduzindo aos estertores da fome. Durante alguns dias o rijo nordeste soprou impetuozo sobre a frondoza arvore da ordem burgueza, abalando-a e sobresaltando os que á sua sombra passam vida farta e despreocupada. Quazi todos os ramos da familia proletaria, unidos e sacudidos por um sentimenso de revolta contra as injustiças sociais, desfraldaram com altivez indomita o pendão das suas reivindicações. Apenas a classe a que pertencemos deixou-se ficar numa atitude que absolutamente não condiz com os seus interesses economicos e sociais. Dir-se-ia que a numeroza e espoliada classe dos trabalhadores em hoteis, restaurants e similares nenhuma reivindicação tinha a formular, nenhum direito tinha a conquistar! Entretanto, ao primeiro golpe de vista, resalta a incongruencia de proceder de uma classe trabalhadora que sofrendo as mais tremendas vicissitudes, sob o jugo despotico de um patronato sordido, mantem-se alheia, criminozamente indiferente a um tal movimento, e deixa passar sem um gesto, sem siquer esboçar uma atitude, tão esplendida oportunidade de fazer uma enerjica e viril afirmação de vida!

E' realmente pasmoza tal conduta; é efetivamente desconfortante para aqueles que tendo apreendido com maior precizão toda a estensão da iniquidade social e economica a que está submetida a classe trabalhadora, vê que ha uma categoria dessa classe, precizamente aquela que com maior intensidade sofre o pezo das injustiças sociais, não se move, não se apressa em unir os seus esforços aos dos seus irmãos na defeza dos interesses comuns... E essa admiração, toma maior vulto quando lançamos o nosso olhar investigador pelsas condições deplorabilissimas em que nos encontramos. Que é que constatamos então, sinão o corolario lojico do estado estacionario da conciencia da classe cujos interesses defendemos, isto é: a esploração patronal, absolutamente segura da sua impunidade, campeia infrene com uma audacia só comparavel com a paciencia evanjelica dos que lhe suportam, atinjindo a proporções simplesmente revoltantes!

Quando, sedentos das luzes do saber, engolfamos o espirito nas narrativas da servidão na idade média, tomamo-nos de uma santa e injenua indignação pelos horrores sofridos pelas gerações passadas. Todavia, se tivermos em conta as diversas etapas por que tem passado a humanidade atravez da sua lenta evolução e se atentarmos para as condições do proletariado, notaremos que a diferença para melhor não chega a ser estraordinaria, e isto, sobretudo, em relação a certas parcelas do proletariado, nas quais, por fatores facilmente apercebidos, a conciencia dos seus direitos não atinjiu ainda um determinado grão de dezenvolvimento.

Haja vista o que se passa com os trabalhadores em hoteis e classes conjeneres. São as classes que no terreno pozitivo das reivindicações sociais-economicas menos tem avançado.

Emquanto as demais categorias do proletariado volvem os seus esforços para conquistas mais elevadas, nós, os empregados em hoteis e restaurants, suportamos mulsumanamente o rejimen iniquo, absurdo e inconcebivel de 16 horas a fio, cumpridas em locais sem a menor sombra de hijiene, como são em regra as cozinhas dessas cazas, e percebendo salarios irrizorios, que não dão siquer para a satisfação das mais imperiozas necessidades.

Pois não é este um quadro bastante impressionante, capaz de por si só fazer revoltar as proprias pedras?

Comtudo vamos paciente e resignadamente suportando esse rejimen de escravos, esta situação deprimente para os brios de homens, esquecidos de que lutar é viver, e que ao cessar a luta, cessa tambem o movimento, a vida.

Confiantes em não sabemos que força imajinaria e estranha, nós nos submerjimos em esterilizante apatia, numa renuncia aos mais comezinhos direitos.

A necessidade de ajir impõe-se. Cumpre-nos redobrar de esforços levando o fermento da rebeldia a esse ambiente de apatia e refratario á luta pela defeza dos seus interesses vitais.

Amplifiquemos os horizontes intelectuais daqueles que o determinismo social reduziu a tamanha subserviencia!

SOBRE A GUERRA

A conferencia socialista da paz

Foi adiada para fins deste mez a conferencia socialista da paz, convocada pelos socialistas dos paizes aliados.

Este adiamento, solicitado pelos delegados francezes para terem o suficiente tempo de preparar o estudo e as concluzões dos temas a rezolver, obedece mais que tudo ao espirito timorato e equilibrista dos convocadores da citada conferencia, os quais, cada dia, estão indubitavelmente mais convencidos da absoluta inutilidade do ato que pretendem realizar, em virtude de ir o mesmo de encontro ás aspirações imperialistas dos homens que ocupam os postos eminentes das diversas nações em guerra.

E' publico que os governantes dos paizes em guerra são contrarios ao espirito de uma imediata paz sem indenizações nem anexações, que é o que realmente tem por baze de discussão a conferencia socialista de que tratamos. Como sinão bastassem as continuas declarações publicas feitas nos parlamentos pelos tubarões da finança e da politica, mostrando-se inimigos acerrimos de uma prematura paz que lhes faça perder para sempre os lucros que redundam duma completa hejemonia, aí está patente a franca declaração de Ribot de que os governos aliados não podem ter em conta para nada as escitações pateticas dos socialistas porque eles não reprezentam, absolutamente, a opinião popular, que é o que em justiça regula a balança do poder. Acrecentou o economista e governante francez Ribot, que o Estado não póde tolerar que a iniciativa privada lhe sujira as condições precizas para uma paz, uma vez que o Estado, sendo o depozitario e diretor da opinião e energias populares, é o indicado a estabelecer as condições que creia apropriadas para fazer cessar a horrivel matança que assola os campos de oriente a ocidente.

Na acidentada historia do socialismo internacional, poucas vezes se tem rejistado um fracasso tão dezastrozo [illegible] o que provocaram com a sua conduta arlequinesca os socialistas legalitarios que andam ás voltas com a conferencia-panacéa que, no seu proprio dizer, ha de encontrar a formula de um mutuo acordo que repouzará em um principio de justiça, pois que anular-se-á a cauza fundamental de todos os odios e disputas que deram marjem ao conflito guerreiro, impondo de bom grado ou pela força o *statu-quo* ezistente antes da prezente anormalidade.

Seria suficiente para demonstrar que essa conferencia da paz será um ruidozo fracasso, o fato de os governos dos paizes aliados declararem de antemão que para nada terão em conta as rezoluções que possam ser aprovadas nessa conferencia, bazeie-se no que for, se para evidenciar esse fracasso não bastasse a conduta incongruente dos socialistas desde o inicio da guerra.

Assim paga o diabo a quem bem lhe serve, diz um adajio. Os socialistas, depois de se haverem feito solidarios com a guerra, votando nos parlamentos os orçamentos destinados a esse fim, vêm-se agora dezautorizados publicamente e de fórma um pouco agressiva pelos governos para tratar couza alguma que esteja relacionada com a futura paz. Os socialistas, depois de serem responsaveis diretos da hecatombe que assola meio mundo, prestando-se vergonhozamente a todas as imundas e canalhescas combinações para melhor enganar e levar o povo á luta em prol da burguezia sedenta de riquezas e prebendas, dizendo-lhe que a guerra era uma cauza santa que era necessario defender para estabelecer o principio justo e equanime das nacionalidades, ponte levadiça de prossimas reivindicações encaminhadas a conquistar a liberdade integral de um rejimen mais racional e equitativo, vêm-se agora acintozamente dezacreditados pelos mesmos a quem tão fielmente serviram.

E' bom este fracasso para os traidores da Internacional proletaria; é bom para que o povo reconheça de uma vez para sempre os falsos pastores que o têm vendido atravez das organizações obreiras com tendencias politiqueiras e é bom que os proprios amos rechassem o concurso dos eunucos, depois de se haverem aproveitado ás mil maravilhas de seu trabalho e de sua influencia como caudilhos de multidões sem conciencia.

Porque não ha duvida que está bem esclarecida a tremenda responsabilidade que cabe aos socialistas nesta cruenta guerra. Todo mundo sabe que teria bastado um gesto dos homens de responsabilidade no campo socialista para que essas poderozas organizações corporativistas da Inglaterra, França, Italia e Beljica se houvessem manifestado, do mesmo modo que um numerozo corpo eleitoral, antipaticas á guerra, e os governos no propozito urjente de limitar notavelmente a sua ação para, na emerjencia de ser declarada a guerra, não ter que lutar ao mesmo tempo com um inimigo esterno e outro inimigo interno.

Acreditamos, porém, que essa conferencia pró paz não tem outro objetivo sinão o de iludir a opinião revolucionaria do mundo inteiro e convencer ao povo em geral de que os seus iniciadores são inimigos da guerra e estão dispostos a todo transe a acabar com ela, uzando dos meios pacificos e dos recursos legais que lhe sujere a pratica da luta de assaltantes de ministerios.

Além de ser irrizorio que socialistas aprovassem creditos fabulozos para a guerra, mais irrizorio é ainda o fato de ocupar ministerios em Estados recalcitrantemente reacionarios, onde as aspirações dos trabalhadores são varridas ao fragor da metralha.

A atual mudança de atitude dos socialistas obedece mais que tudo á natural evolução do verdadeiro povo que sofre todas as mizerias e vicissitudes combatendo nas trincheiras por uma cauza alheia. O povo, o trabalhador, a verdadeira vitima da guerra, está cansado desta luta sem precedentes que não traz nem trará nunca nenhum beneficio e manifesta o seu descontentamento com uma falta absoluta de ardor na peleja. As lagrimas das vitimas e dos orfãos que a guerra tem ocazionado aos milhares, têm bastante influencia para produzir uma pezada e densa atmosfera contraria á continuação da carnajem que sacrifica em aras do capitalismo o melhor das enerjias

E os socialistas, para não perderem para o futuro essa influencia que têm sobre as massas e que os elevou sempre ás altas esferas da burguezia, dominando situações e adquirindo prebendas sem conta em escluzivo beneficio dos seus interesses, evoluiram tambem ao compasso do povo enfastiado da guerra.

Convocaram essa conferencia como convocarão outras muitas sempre que vejam boas oportunidades, para demonstrar que são adversarios declarados da guerra. E pensar-se que foram eles os iniciadores da mal chamada «união sagrada» para defender os sacrosantos interesses de umas tantas patrias que acreditavam em eminente perigo! E pensar-se que eles, socialistas, manifestaram mais ardor que os proprios patriotas defensores de não sabemos quantas e tão *justas* «revanches»!

Afortunadamente não se verão coroadas de ezito as maquinações e contramarchas dos traidores da Internacional, e os trabalhadores, esses eternos parias que são as vitimas preferidas em todas as guerras, saberão desprezá-los, como merecem, pela sua conduta propria dos homens que lucram com a mentira, antepondo os seus interesses aos interesses da coletividade.

João Vosgos

Malhando em ferro frio

São do «Imparcial», desta capital, as linhas que a seguir transcrevemos. E' um quadro ezato, impressionante, da situação da nossa classe... Mas afigura-se-nos isto «malhar em ferro frio». Inegavelmente o problema só terá solução quando os proprios interessados se decidirem a isto.

«Os poderes publicos ficam ás vezes surprehendidos quando rebentam as gréves, confessando ignorar a sua orijem ou contestando os motivos que lhes servem de baze. A verdade, porém, é que quazi todos esses movimentos têm a sua justificação, que escapa aos olhos da autoridade, mas que esta descobrirá sem custo com um pouco de perspicacia e intelijencia.

Ainda agora, está em elaboração, no Rio, a reivindicação dos direitos de uma classe trabalhadora, que vive deshumanamente esplorada sem a menor esperança de um socorro da lei.

Trata-se, aqui, dos empregados de hoteis, que são, talvez, os unicos trabalhadores ainda não beneficiados pelas conquistas das gréves ou pela humanidade dos lejisladores. Nenhuma classe tem, nesta capital, tantas horas de trabalho. A sua atividade começa pela madrugada e termina, geralmente, á meia noite. São dezoito ou vinte horas, consumidas por um creado em um caminhar fatigante e ininterrupto, ou por um cozinheiro em frente a um fogão, chamejante, em uma atmosfera viciada pelos detritos que ali se acumulam, e onde o ar não é, jamais, renovado.

Quando os empregados de hoteis pediram, ha mezes, que se minorasse a sua situação, o prefeito espediu ordens para que a fiscalização municipal fizesse cumprir a lei que estabelecia para essa classe as 12 horas de trabalho e o descanso semanal. Isso, porém, de nada serviu. O fiscal, quando entra em um restaurante ou pensão, não passa, jamais, da meza de jantar ou da caixa rejistradora, onde janta fartamente ou se entende com o dono da caza, que lhe apaga o zelo de funcionario com uma gratificação de dez ou vinte mil réis. Não é, evidentemente, com os seus vencimentos na Prefeitura que os fiscais têm predios, terrenos, ou, pelo menos, uma vida relativamente facil...

Para essa espozição, o sr. prefeito pode ver que lhe não é possivel cumprir a lei em relação aos hoteis com os elementos ordinarios da fiscalização municipal. A esse problema social das horas de trabalho de uma classe numeroza e sacrificada, estão ligados muitos outros. A saude da população, pela injestão de alimentos deteriorados; o ambiente em que eles estão espostos; a hijiene das cozinhas e dos individuos que nelas trabalham — tudo isto são questões de gravidade e de urjencia, que, prezisam de solução.

O sr. Amaro Cavalcanti tem mostrado um ruidozo interesse pelo estomago da cidade, ezaminando, de vez em quando, as couves das quitandas e o toucinho das mercearias; por que não se dá, tambem, ao trabalho de verificar por si mesmo a questão que aqui fica esposta? Seria proveitozo e meritorio.

No cazo, porém, de ter o sr. prefeito qualquer escrupulo pessoal em avocar a si essa fiscalização, ha um recurso: pedir o aussilio da policia, pelas suas principais autoridades de cada destrito. O que é essencial, e urjente, é que se impeça o envenenamento da população e a esploração de uma classe, destruindo, com isso, o foco de uma epidemia e o germen de uma gréve.»

QUESTÕES ATUAIS

Estado e Capital

O Capital e o Estado são dois brotos paralelos que seriam impossiveis um sem o outro, que, por isso mesmo, devem ser combatidos sempre em conjunto, — um e outro ao mesmo tempo. Jamais o Estado teria chegado a constituir-se e a adquirir a potencia que hoje possue, nem mesmo a que teve na Roma dos imperadores, no Ejito dos faraós, na Assiria, etc., se não houvesse favorecido, como tem feito, o dezenvolvimento do Capital agricola e industrial e a esploração, — primeiro das tribus de povos de pastores, depois dos camponezes agricultores, e mais tarde ainda dos trabalhadores da industria. Protejendo, pelo açoute e pelo sabre, aqueles aos quais facultava a possibilidade de açambarcar o solo e adquirir (primeiro, pela pilhajem, e mais tarde pelo trabalho forçado dos vencidos) instrumentos de trabalho, para a cultura da terra, ou para obtenção de produtos industriais; forçando os que nada possuiam a trabalhar para os que possuiam (as terras, o ferro, os escravos), foi assim que se formou pouco a pouco esta formidavel organização denominada Estado. E se o capitalismo nunca teria atinjido a sua fórma atual sem o concurso imediato, pensado e continuo do Estado, o Estado por sua vez não teria tambem atinjido jamais esta formidavel força, este poder de absorção, esta possibilidade de enfeixar nas mãos a vida de cada cidadão, como tem hoje, se não houvesse trabalhado cientemente, com paciencia e sistema, a constituir o Capital. Sem a ajuda do Capital, o poder real não teria mesmo conseguido emancipar-se da Igreja, e sem a ajuda do capitalismo não chegaria jamais a guardar na mão toda a ezistencia do homem moderno, desde os primeiros dias da escola até ao tumulo.

Eis porque, ao dizer-se que o capitalismo data do XV ou do XVI seculo, esta afirmação pode ser considerada como tendo uma certa utilidade,— «desde que sirva para esprimir o paralelismo» da evolução do Estado e do Capital. Mas o fato é que a esploração do capitalista ezistia quando se manifestaram os primeiros germens da possessão individual do solo, quando se estabeleceram o direito de certos particular fazerem pascer o seu gado em certo terreno e, mais tarde, a possibilidade de cultivar certo pedaço de terra pelo trabalho forçado ou alugado. Neste mesmo momento, podemos ver o Capital cumprindo a sua obra perniciosa entre os povos de pastores da Mongolia, apenas saidos da faze da tribu. Basta, com efeito, que o comercio saia da faze tribal (durante a qual nada podia ser vendido por um membro da tribu a outro membro), basta que o comercio se torne «individual», para que o capitalismo se manifeste desde logo. E desde que o Estado (vindo do esterior, ou dezenvolvido em determinada tribu) abate a sua mão sobre a tribu por meio do imposto e dos seus funcionarios, como faz com as tribus mongolicas, o proletariado e o capitalismo aparecem e começam forçozamente a sua evolução. Precizamente para entregar os Kabilas, os Marroquinos, os Arabes da Tripolitania, os felahs Ejipcios, os Persas, etc., ás garras dos capitalistas importados da Europa e aos esploradores indijenas, é que os Estados europeus levam a cabo neste momento (1) as suas conquistas na Africa e na Azia. E nestes paizes, recentemente conquistados, pode ver-se de perto como o Estado e o Capital se acham intimamente ligados, como um produz o outro, como determinam mutuamente a sua evolução paralela.

Pedro Kropotkine

---

(1). Ha quatro anos (*La Science Moderna et l'Anarchie*, Paris, 1913). A grande guerra, dezencadeada sobre o mundo, mezes mais tarde, e em cujo sangue nos vamos afogando, teve como uma das suas cauzas imediatas a febre de conquistas capitalistas sobre os continentes africano e aziatico, a que se refere, neste trecho, Kropotkine. Ver, sobre o assunto, os capitulos dessa mesma obra referentes á *guerra*, publicados, á parte, em portuguez, num folheto com o titulo *Os bastidores das guerras*.—N. da R.

Rumo á terra...

Como se sabe o Centro Cosmopolita, no intuito de atender aos dezejos de alguns dos seus que pretendiam encaminhar-se para o campo; enviou ha tampos uma reprezentação ao Ministerio da Agricultura, solicitando-lhe a sessão de lotes de terra acompanhados dos aussilios que o governo tem mandado anunciar que está pronto a facilitar a que dezeje empregar a sua atividade no campo.

A imprensa noticiou que o ministro recebera a reprezentação do Centro com a melhor das suas dispozições e que atende-la-ia imediatamente.

De como as solicitações do Centro foram atendidas di-lo, melhor do que o poderiamos fazer as linhas seguintes, estraidas do *Debate*, o ecelente semanario desta capital, que se ocupou detidamente do assunto na sua edição de 19 de julho.

A falta de espaço tem-nos forçado a adiar a transcrição deste trabalho, transcrição que projetaramos, assim deparámos nas colunas daquele brilhante semanario os justos comentarios á prozapia governamental, que pretende rezolver um problema insoluvel em rejimen de propriedade privada: o dos sem trabalho.

Ei-los:

Já ha tempos o Sr. Jozé Bezerra fez inserir na imprensa um avizo permanente, em que se promete o aussilio do Ministerio da Agricultura aos trabalhadores da cidade que queiram ir para o campo, a aplicar a sua actividade na vida agricola.

Diante de promessa tão tentadora, muitos têm sido os operarios que, dezocupados no momento ou querendo fujir das oficinas aniquiladoras da industria, vão procurar o aussilio governamental, no intuito de se entregarem ao cultivo da terra.

Entre esses pedidos do aussilio prometido conta-se o que foi feito pelo Centro Cosmopolita, associação de empregados em hoteis, restaurantes, bars, etc, em favor de alguns dos seus socios, que se dispunham abandonar o Rio e a seguir para a lavoura.

O Sr. José Bezerra recebeu o oficio do Centro Cosmopolita com grande efuzão dalma, segundo mandou publicar pelos jornais seus afetos. O pedido seria atendido com a maior solicitude, visto que o governo, pelo orgam natural do Ministerio da Praia Vermelha, tem especial empenho em encaminhar para a agricultura os sem trabalho, com o que pretende matar dois coelhos de uma só cajadada: [illegible] «chômage» e incentivar o dezenvolvimento das fontes agricolas do paiz...

O Centro Cosmopolita recebeu um longo oficio da repartição bezerril, no qual oficio se estipulavam as condições da ajuda prometida pelo governo.

Essa ajuda é a seguinte:

a) um lote, a pagamento por prestações, de terra inculta e virjem, em pleno mato;

b) passajens para todos os pretendentes desde o Rio até ao referido lote;

c) generos para a alimentação dos pretendentes durante tres dias.

E mais nada. E' claro que os socios do Centro Cosmopolita dezanimaram completamente, e não irão nem amarrados para o tal nucleo oferecido pelo governo. Um desses socios, dos mais enthuziasmados com a futura expedição, nos disse:

—Acredite: muito mau juizo faz o Beserra de nós. Imagine o senhor o que seria a nossa vida, chegados ao nucleo. Como por lá não ha casas construidas, ficariamos, com as nossas familias, acommodados debaixo das arvores e nas covas das rochas, até que algumas habitações sumarias fossem levantadas, algumas semanas depois. Passados os tres dias de alimentação fornecida pelo generozo Ministerio da Agricultura, passariamos a alimentar-nos de frutas agrestes e raizes e (se caisse) algum maná do céu. Quanto ao trabalho, teriamos os nossos homens ocupados preliminarmente na já referida construção de cabanas e palhoças e na derrubada das matas. Estas couzas teriam que ser feitas á unha, porque o governo não fornece instrumentos de trabalho nem ferramentas. Suponhamos que tudo isso tomaria um, dois, tres, quatro mezes a ser concluido. Por esse tempo, já umas tres quartas partes do nucleo teria provavelmente morrido de inanição; a outra quarta parte, rija e heroica, enterraria os mortos e começaria então a lavrar a terra e a plantar...

—Menos mal, commentámos nós...

—Sim, menos mal, continuou o nosso interlocutor. Mas o diabo é que não haveria sementes para plantar. Que fazer então? Os heroicos sobreviventes, já meio loucos, desesperados, famintos, cahiriam uns sobre os outros e se estraçalhariam mutuamente. E e depois... depois, estava tudo acabado...

—Evidentemente!

—E como o nucleo estaria situado em pleno mato, lonje da civilização, a triste noticia não chegaria por cá e o Sr. Beserra continuaria a ser apontado como bemfeitor da lavoura nacional, encaminhando para a agricultura os sem trabalho das cidades...

Que comentarios acrecentar a isso? O nosso interlocutor deixou cair ao terminar, o comentario justo:

—Como si nós fossemos bestas

OS HOMENS CURVOS

Passam, negros, na tela do ceu verde e rubro da tarde
(já o sol ezausto no ultimo esforço sangra e arde),

Operarios e servos da gleba. Vão graves e lentos.
Vão curvos sob um jugo de escuros pensamentos.

O' ! curvos desde a aurora, com os olhos no bruto trabalho...
— a enxada viola a terra, lutam bigorna e malho...

E ei-los vão ainda curvos, e falam de couzas grosseiras
entre si, com palavras humides e rasteiras.

O sol transpoz, já ezanime, a roxa muralha dos montes.
A aza fresca da briza toca as suada frontes;

e ás moitas, aos balsedos da estrada a flagraucia estimula;
tenue aroma de rozas, trevo e alecrim circula

no ar fino... Já preludios noturnos os passaros cantam...
Eles da poeira os olhos e a mente não levantam...

E' o ceu agora um palio de azul veludozo e profundo;
as primeiras estrelas fitam sorrindo o mundo...

Que buscais, homens curvos, no lodo revolto da estrada?
O vil salario, o ezigo pão, a vida minguada,

sem ideal, sem beleza, vos prendem os cerebros turvos...
Curvo sobre a labuta, sobre a gamela curvos,

curvos mordendo as femeas, no amor animal — fero e triste —
a poezia das couzas para vós não eziste...

Em vão contais idilios e nupcias, ó flores, ó aves
Em vão fuljis na altura, grandes astros suaves

Carlos Magalhães de Azevedo.

O que são os jornalistas desta terra?

Não é enigma.

Desde 1898, mais ou menos, a imprensa carioca tem-se ocupado varias vezes dos anarquistas, ezarando os nossos jornalistas inumeras opiniões que todas reunidas não chegam para esplicar a significação da palavra «Anarquia».

Diversas têm sido as frazes e de acordo com elas diversas têm sido as opiniões do «papel impresso» desta terra.

Um dia eles dizem que a anarquia é uma doutrina nefasta e perigoza para a sociedade; em outro referem-se á anarquia como grande ideal de humanidade, citando nomes dos grandes vultos revolucionarios que têm se salientado pela importancia dos argumentos e grandes prosas cientificas; mais adiante, o mesmo jornalista que encheu as colunas do seu jornal citando Jean Grave, Bakounine, Gori e muitos outros, bastante aborrecido com o estado de couzas que uma gréve determina, estampa, em corpo 16, que a policia deve deportar quanto antes esses individuos tão perigozos á ordem social.

E quando a imprensa está a mingua, quando está em opozição aos governos, e acontece de haver algum movimento obreiro em que a policia, como sempre, encontra ensejo de prender e perseguir a tal jente perigoza, então é que essa imprensa, a «una voce», torna-se incansavel em defender os homens de ideaes elevados, torpemente perseguidos por um chefe de Policia tal e tal.

A quantidade de opiniões crece, mas a qualidade é sempre a mesma: insultos, insinuações e citação de nomes. Enquanto isso, a doutrina anarquica vae sendo pregada, e aceite porque é um ideal de justiça. Nem por isso os jornalistas se dão ao trabalho de aprender alguma couza... Surje um jornalista, que em nome da imprensa, pelas colunas de um vespertino, diz uma grands quantidade de asneiras com as quae pretende tornar publico os seus conhecimentos sobre a doutrina que tão dezastradamente quer combater.

Parece ser natural que, aparecendo na imprensa um cidadão, aliás bem conhecido, que responde ao articulista agressor, esses mesmos jornalistas procurassem conhecer os argumentos apresentados pelo articulista da defeza.

E depois das polemicas que a miude tem se rejistado na imprensa desta capital ha fatos mais importantes dos quaes "os sapientissimos" jornalistas "poderiam concluir alguma couza que lhes aproveitasse".

A defeza anarquica que ha poucos dias se verificou no Supremo Tribunal Federal, feita por um anarquista que tambem traja com limpeza e gosto, contêm bastantes ensinamentos sobre a doutrina que aos humanos periodistas desta terra parece tão pernicioza e nociva á felicidade dos homens. Esses ensinamentos, aliás em linguajem que os ilustres sabios hão de alcançar, são suficientes para, elementarmente, instruir gente que sobre o assunto tem pecado tanto e escrito tantas bobagens que comprometem a sua reputabilidade de ilustrissimos.

Se o fizessem, "A Noite" não teria dado aquela nota tão tola e comprometedora para os seus conhecimentos sobre ideais.

Admirou-se de ver um anarquista, «autentico», trajar decentemente!

E porque esse anarquista trajase decentemente pareceu aos ilustradissimos redatores da "A Noite" que ele mostrava viver bem no meio d'eles! (Queriam dizer: na atual sociedade, ou melhor ainda: no meio burguez).

E' a tal couza.

Se os redatores da "A Noite" soubessem que nós anarquistas observamos muito a «Hijiene» e a «Estetica»; se esses ilustres soubessem que anarquista não é o individuo mizeravel que reclama pão para matar a fome, mas sim o individuo que se revolta contra a atual sociedade e nutre um ideal de justicia para a humanidade (note que não é sómente para os trabalhadores), não lhes pareceria interessante e orijinal que um anarquista trajasse com gosto e limpeza.

Quanto seria bom se os jornalistas desta terra conhecessem a doutrina anarquica e as razões da sua ezistencia!...

Porém... ante as provas que dão diariamente... o que são os jornalistas desta terra? Não é enigma.

João Adel

Ação e responsabilidade

Depois dos fracassos e decepções sofridas por aqueles que sob o rotulo tenebroso e vermelho de «revolucionarios se intitularam chefes e orientadores do movimento grevista havido no Rio, resta tão sómente os lamentos do descredito individual e associativo e a responsabilidade para as idéas que eles quizeram professar pensando conhecel-as, que eles quizeram pregar de comum acordo com o Conselho Municipal e alguns Deputados e Coroneis maniacos; resta, enfim, a responsabilidade pelas violencias sofridas pelo povo, e, indiretamente, a covardia e a puzilanimidade em quem tinha obrigação de separar os cazos, si é que são coerentes com as idéas que professam com alarde e publica forma.

Não se póde admitir que passasse despercibido dos «verdadeiros» professos todo esse tumulto confuzionista que nos comicios faziam os oradores que, de acordo com os momentos, segundo o grão de febre, conforme a inspiração e as palavras que lhes vinham á memoria, no mesmo dia, na mesma praça, eram sindicalistas, cooperativistas, «anarquistas que haviam de defender a integridade da patria» e revolucionarios intranzijentes que apelavam para a intervenção do Chefe de Policia e dos Intendentes, na questão entre o Capital e o Trabalho.

Não se póde compreender que toda essa barafunda comprometedora e de responsabilidade para a sã ação dos libertarios não mistificados nem mistificadores tenha alcançado o rizo e a galhofa e não tenha alcançado a intelijencia. Será melhor e mais claro dizer: A intelijencia percebeu que tudo aquilo era comico, mas não chegou a perceber que era comprometedor e que a sua passividade tornava-se responsavel pela confuzão, pelo fracasso moral dos movimentos e pelo justo e inevitavel descredito das idéas que até hontem tinham sido pregadas com eficiencia e proveito.

Era toda especial a circunstancia. As cauzas desse levante que deixou de o ser pela inepcia dos «revolucionarios», não eram obreiras, não eram questões de oficina, mas sim cauzas gerais, cauzas que reduzidas á sumula são: a derrocada da moral social, a falencia do sistema economico, a agonia da Lei constituida e da Força pelo abuzo dos privilejiados.

As cauzas que orijinaram esses pequenos conflitos havidos aqui, ali e acolá, que hão de orijinar conflitos maiores ainda; essas cauzas que são as mesmas dos conflitos mais intensos havidos na Russia, na Alemanha, em Portugal, na Hespanha, em Norte-America e Mexico, por serem de carater geral, por serem de importancia direta, deviam merecer dos revolucionarios a atenção necessaria e o estudo precizo para se darem conta da situação e saberem se conduzir como o ezijiam a emerjencia e o valor dos fatos.

Todos os individuos, desta ou d'aquela seita, idéa ou doutrina, têm responsabilidade pelos atos que praticam e pelo modo porque se conduzem.

Os revolucionarios, por conhecerem os efeitos de todos, por conhecerem as cauzas de todos os cazos, são responsaveis, de si para si, pelos atos que praticam e pelo modo porque se conduzem nas ocaziões em que as circunstancias ezijem a sua obra.

Se a covardia, a dezordem e a barafunda, foram o rezultado dos oradores do Conselho Municipal e «anarquistas defensores da integridade da patria»; se essa covardia e essa desordem entre cem mil homens rebeldes deram azo a que um chefe de Policia, deixando de ser irresponsavel porque afastou-se bastantemente da observancia da Lei, cometesse toda sorte de tropelias e violencias, proferisse toda a casta de insultos, politicos e pornograficos, domesticos e policiais; si a puzilanimidade desses idiotas intitulados grevistas deu logar a que 4 cossacos que costumam se vender por 300 reis de parati debandassem multidões compactas; si a obra dos oradores comiciantes e secretarios de sindicatos deu em resultado o incomensuravel rosario de crimes e violencias praticadas e mandadas praticar pelo chefe de Policia, porque não salvaram esses cem mil homens, e muito mais, de continuarem a sofrer as perseguições do tal bandido; porque não premiaram os seus crimes com a sua eliminação, porque não cumpriram esse dever de humanidade salvando a população do Rio de Janeiro das violencias mandadas praticar por um individuo acuzado de criminozo pelos proprios homens de Estado; acuzado de atos de banditismo pela propria burguezia a cujo serviço ele se acha; e, com espanto para quem conhece a imprensa desta capital, diariamente apontado como indijitado facinora e apupado de libelos monstruozos pelos proprios jornalistas que esplicam a sua razão de ezistir na arte de viriedades de opiniões que variam segundo os preços que oferecem as partes politicas ou comerciais.

Quando a autoridade deixa de merecer a aplicação do determinismo porque ultrapassa os limites da observancia da Lei; quando o crime, absolutismo e a perversidade verificada, não em cumprimento da Violencia-Lei mas sim em satisfação da vontade pessoal da autoridade; quando se verifica o cazo passado nesta capital, em que a propria autoridade criminoza, reconhecendo a sua incompatibilidade para com o cargo que ocupa, reconhecendo-se réo perante a justiça publica, reconhecendo-se passivel da dezafronta popular, procura a maior autoridade da nação, fala em demissão, demissão essa julgada um absurdo e efeito de tola preocupação da autoridade subalterna; quando, enfim, essa autoridade subalterna recebe da suprema as francas demonstrações de confiança e as ordens de proceder segundo fôr precizo á tranquilidade do Estado e do Capital, então tem de se verificar uma perfeita relação entre os cazos.

Se essas autoridades, não encontrando na Lei autorização para as medidas necessarias á repressão violenta, ordenam e ajem com absolutismo, praticam as maiores violencias e crimes, claro está que em relação ao fato das autoridades terem se tornado absolutas, terem se afastado dos limites da Lei, o povo encontra-se na continjencia, na urjente necessidade de afastar-se dos limites da complacencia e ajir diretamente contra as individualidades, contra as vidas, até, dessas autoridades que passaram a constituir um perigo para as vidas dos cidadãos que «ouzam» levantar a voz, protestando contra alguma couza que os oprime.

Se eles recorrem á violencia extrema, ainda em relação ao fato, o povo, quanto antes, deve recorrer ás medidas necessarias.

Era necessario, o é ainda, o será todo tempo, desaparecer do seio da coletividade humana todos os tipos que procedam com absolutismo ou que constituam uma ameaça para a bôa obra, como, infelizmente, acontece na Russia, com Kerensky que vêm reconstituindo o absolutismo autoritario n'aquele povo que prometia lançar o primeiro grito e ter o primeiro jesto de uma revoluçao direta.

———

E se pensam em nova gréve, reportem-se á vergonha dos ultimos sucessos, tenham corajem para fazer primeiro o que a policia fará depois, inevitavelmente.

Façam uma revolução de fato, em que em vez de oradores de comicios se ouçam, roncos de revolta, em que em vez de fogo de palha se faça fogo nos arquivos, no dinheiro, nos documentos, em que se inutilize as armas e se torne a produção um bem comum.

Em vez de palavras — bala!

Em vez de estandartes — archotes!

Virjilio Korkeis

O "Terezopolis" e as suas vitimas

O principio nefasto da concurrencia, uma das ecelencias decantada em todos os tons pelos defensores e turiferarios da sociedade burgueza, é a cauza principal e por vezes unica do fraude, de verdadeiros atentados cometidos contra a saude do consumidor, é o fervedouro dos peores instintos, dos dezejos e dos impetos mais antihumanos, mais imorais.

Para conseguir triunfar do seu rival o comerciante não trepida diante de nenhum meio, decendo ás maiores abjeções.

E' o cazo do celebre Restaurant Terezopolis. E' realmente admiravel que os freguezes dessa caza não tenham ainda se apercebido do atentado que praticam contra a propria saude, frequentando-a. O que menos lhes poderá acontecer é a ruina completa da saude com a aquizição de uma terrivel despepsia ou alguma molestia contajioza. E' inevitavel a realização de uma das duas hipotezes, dada a inqualificavel ganancia do proprietario desse estabelecimento.

Sinão, vejamos: esse proprietario sem conciencia, sem alma, sem escrupulo, em suma, sem nenhum sentimento humano, ha muito que bateu o record *da esploração e está decididamente disposto a demonstrar até onde póde chegar a audacia de um individuo ambiciozo de acumular fortuna a todo transe, mesmo que para atinjir esse fim tenha que deixar pelo caminho um longo estendal de vitimas.*

Sabemos perfeitamente que tais crimes produzem-se e reproduzem-se diariamente porque têm um estimulo eficaz na dezidia e complacencia dos que são pagos com dinheiro do povo justamente para coibil-os.

Mas, em rejimen de estreita comunhão de vsitas entre capitalistas e autoridades não deve tal atitude cauzar muita estranheza...

A' sanha ganancioza desse esplorador não escapam freguezes e empregados. No Terezopolis *todos são igualmente vitimas.*

O que é necessario, porém, é que os srs. reprezentantes da Hijiene Municipal se dignem decer as suas augustas vistas para esse antro tenebrozo, fóco perigozo de infeção, afim de que uma fiscalização severa se ezerça sebre ele. Se os reprezentantes sanitarios se dispozerem a ajir com enerjia, estamos certos de que fatos verdadeiramente escandalozos e de gravidade ececional virão a lume.

Ha muito que o proprietario do Terezopolis *apostou com a morte, a ver quem maior numero de clientes lhe forneceria durante certo tempo. Desde já, póde-se afirmar que o dono do* Terezopolis *ganhará facilmente a aposta. E os motivos são obvios.*

O inescrupulozo pasteleiro enquanto recolhe lucros fabulozos que lhe proporcionam vida folgada e farta, passeios constantes á Europa em luxuozos trazantlanticos, vai tranquila e honradamente envenenando os freguezes e esplorando os empregados que em sua caza tem a desventura de procurar trabalho.

Ora, é evidente que esse senhor não póde fazer milagres. Não será fornecendo refeições ao preço fixo de 1$200 réis, com o custo elevadissimo dos generos que se poderá acumular fortuna. Isto salta aos olhos do observador menos avizado. E o suposto milagre do Terezopolis *nós o vamos esplicar, para que fiquem sobejamente conhecidos os processos infames e criminozos desse esplorador sem entranhas que na sua ganancia desmedida não olha os meios para alcançar o fim almejado.*

Ha no restaurant Terezopolis, *um empregado cujo mistér é separar minuciozamente os restos já deitados dentro de uma barrica pelo lavador de pratos, pedaços de bifes deixados pelos freguezes que não têm os dentes bastante rezistentes; toda essa imundicie é novamente aproveitada na confeção de picadinhos, tortas, pasteis, croquetes, os quais são depois impinjidas aos freguezes com o rotulo sedutor de «croquetes de jacu», pasteis de galinha», etc., etc.*

Calculem o efeito que semelhantes iguarias *poderão cauzar no estomago do freguez que tiver a desdita de os injerir! O desgraçado que tiver bastente heroismo para frequentar esse* laboratorio de dispepsias *poderá firmar antes um contrato com a farmacia mais prossima para o fornecimento di um purgante diario...*

E assim se esplicam os milagres do famozo Terezopolis *que, não contente de esplorar torpemente a sua freguezia, como acabamos de demonstrar ainda estão que os seus empregados, matando-os á fome e pagando-lhes um ordenado irrizorio. E assim vai o honrado proprietario do* Terezopolis *recheiando tranquilamente a sua carteira, á custa das vitimas incautas que lhe caem nas garras de abutre.*

Fernando Mesquita

ASSEMBLE'A GERAL DO CENTRO COSMOPOLITA

Realiza-se na terca-feira, 4 de setembro, a assembléa geral do Centro Cosmopolita.

Esta assembléa é a mesma que, segundo determinação dos estatutos sociais deveria realizar-se em 15 de agosto, e que, em consequencia do encerramento da séde social, deixou de ter logar nesse dia.

Assim sendo, a ordem dia será a mesma da de 15 de Agosto, isto é, leijura do parecer da domissão do poderes, escolha do jornal oficial, fixação dos ordenados dos empregados e comissão da cobrança e outros assuntos de grande importancia associativa.

O SECRETARIO

Ezemplo a seguir

Durante muitos anos foi a Associação dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro o esteio mais vigorozo e eficaz da classe que reprezentava; ha anos porém surjiu grande descontentamento no meio dos seus associados motivado pela reforma de sua lei social, não mais podendo assim tratar com carinho os interesses da classe que reprezentava. Um grande grupo de socios dissidentes fundou então a Associação Protetora dos Empregados no Comercio, que durante algum tempo trabalhou com grande interesse afim de adquirir algumas melhorias para a classe que reprezentava, porém dentro em pouco deixava a mesma de satisfazer os fins para os quais foi fundada, pelos mesmos fatores que a primeira, isto é, a intromissão do patronato no seio associativo e a entrega nas suas mãos da direção dos destinos sociais.

Assim viram esses empregados os seus sacrificios perdidos, e rezolveram, então, enveredar por outro caminho, com novas aspirações e enejias, fundando o Fenix Caxeiral e a União dos Empregados no Comercio, para o fim unico de protejer a classe. A campanha glorioza que então emprenderam essas duas associações deve estar na memeria de todos que a acompanharam, pleiteando a lei das 12 horas de trabalho e o descanso dominical no comercio até a sua completa vitoria; esta lei viria melhorar muito a situação da classe se fosse fielmente cumprida, mas veio cheia de sebterfujios e falhas, como sejam a das 2 turmas que tem sido o meio mais pratico para os negociantes a burlarem. A classe que mais tem sofrido com isso é justamente a menos recompensada: a dos empregados em secos e molhados, cujos patrões de uma turma de empregados fazem quais dando cada empregado com 2 nomes diferentes, obrigando-os assim a trabalhar das 7 da manhã ás 10 e 11 da noite; contra este estado de couzas levantou-se novamente a União dos Empregados no Comercio, ezijindo o ezato cumprimento da lei conseguindo das autoridades competentes autorização para fiscalizar as cazas comerciais de acordo com os ajentes e fiscais dos distritos, multando os infratores uma vez constatada a infração, tão grande foi o numero de negociantes que burlavam a Lei, tão grande foi o numero de multas aplicadas aos infratores, que a associação União dos Varejistas de Secos e Molhados rezolveu intervir elaborando uma lei mais ampla e clara e que vai aprezentar ao Conselho Municipal para as cazas de secos e molhados. Essa lei é concebida nos seguintes termos: as cazas de negocio de secos e molhados não poderão funcionar mais de 12 horas nos dias uteis, abrindo as 7 da manhã e fechando ás 19, não funcionarão aos domingos, e nos dias feriados funcionarão até o meio dia, podendo nos sabados ficar aberto até as 22 horas. E' com o maior prazer que rejistamos mais esta vitoria da União dos Empregados no comercio.

Infelizmente, nossa classe, nada tem podido conseguir em seu beneficio, nem mesmo das autoridades competentes o fiel cumprimento da lei em vigor; varias e enerjicas tem sido as nossas lutas que se tem quebrado sempre de encontro á rude esploração patronal. Se esses senhores tivessem um pouquinho de cultura e intelijencia podiam neste momento acompanharem os seus colegas de secos e molhados dando assim um ezemplo nobre e digno.

F. Cerdeiro.

Lejislação social

Já vem de longa data no Brazil, a aspiração dos trabalhadores na responsabilidade legal nos acidentes no trabalho.

Neste paiz de politica desmoralizada pelos homens de destaque, não pelos seus talentos, mas pelos logares que ocupam, sem a competencia dezejada, sem estudarem, preparando cabedal necessario para as funções que ambicionam ocupar, preparam-se unicamente para forjicarem eleições, que não passam de grandissimas maroteiras, que praticam com grande habilidade meia duzia de patifes politicos profissionais em eleições fraudulentas, que garantem a eleição de qualquer individuo, desde que entre no conchavo dos chefes eleitorais, se quer ser satisfeito em ser *troço* nesta republica de insaciaveis politicos profissionais que trazem este paiz á matroca, locupletando-se nababescamente, tratando unicamente de enfeichar nos seus dominios as suas proles e seus decendentes em bem organizado feudo e em profundo detrimento desta população, que vive sobrecarregada de impostos, encarecendo a vida, implantando a fome, e, como alguem já disse que, «cada povo tem o governo que merece...» será bem possivel que a mizeria de que se sujeita esta população, desperte as enerjias adormecidas, revoltando-se e organizando um governo que mereça a sua confiança.

No cáos em que vivemos, em que um individuo não tem a sua liberdade assegurada, como promete as leis com que se jatam de ser liberrimas, bem democraticas... Essas leis não têm nenhum valor, dada a maneira aplicada, que negam os seus principios de que cada cidadão é igual perante a lei. E' muito chic, na verdade muito bom, mas quem de nós já tenha observado a pratica dessas leis que não passam de letra de fôrma?

Ai do humilde nesta terra; ai dos parias; ai das vitimas lezadas nos seus direitos, que revele um movimento de protesto. Ai estará o judas da lei para martiriza-lo, trancafia-lo no xadrez. Assim pratica e tem praticado esse homem prepotente, atrabiliario e arbitrario, que se diz apostolo da lei, cultor do direito... á sua maneira, á sua vontade... Não ha duvida, o governo passado esqueceu-se de que deveria ser o chefe de policia no seu governo esse sr. dr. Aurelino Leal.

Já vai longa a minha digressão quando não me era necessario dizer algo da mizeria politica de que é vitima este paiz.

Como nós sabemos, a eleição é a baze, é a essencia primordial das modernas democracias, é por ela que os democratas berram por mil trombetas demonstrando o seu alcance social. Pois bem. Chegado o dia do cidadão, notai bem, um diazinho só, dele ezercer o seu poder soberano, é um gosto ver-se pelos postes, nos andaimes, nas paredes velhas, enfim, nos bairros operarios, uma profuzão enorme de manifestos de candidatos ao Parlamento, acenando com uma porção de beneficios ás classes trabalhadoras, entre as quais a tão falada regulamentação legal dos acidentes no trabalho. Pois bem. Quereis saber, camarada leitor, de quanto tempo vem essa promessa? Dezenterrai os arquivos do Parlamento e lá vereis que foi um dos primeiros projetos da Republica sob o governo provizorio.

Quem de nós, trabalhadores, poderá acreditar em politicos? Felizmente a maioria dos trabalhadores já reconheceram que a politica é sinonimo de bandalheira, mas bandalheira grossa desses dezenfreados ambicionistas das pozições rendozas.

Pensais talvez que a lembrança de uma regulamentação de acidentes no trabalho tenha partido de algum politico? Absolutamente não. Partiu esta idéa aqui no Brazil, dos trabalhadores estranjeiros que gozavam desse beneficio nos seus paizes de orijem e começaram a ezijir aqui.

Gozam os operarios estranjeiros dessas regalias oferecidas pelos governos de sua orijem? Tambem não.

As melhores condições em que se encontram os operarios europeus, é tudo produto de suas lutas entre o trabalho e o capital, é pela luta sindicalista revolucionaria, porque, se eles fossem esperar as promessas dos politicos, ainda hoje estariam sendo esplorados a vontade dos senhores do capital, até que os politicos satisfizessem as suas promessas dos comicios eleitorais.

Trabalhadores! nunca vos deixeis embuir por politicos, tudo o que eles vos prometer antes das eleições é para vos iludir, é para caçar os vossos votos, é conseguir falsamente o vosso sacrificio.

Albino Dias

Brevemente

Acha-se em confeção nas oficinas graficas do COSMOPOLITA, e aparecerá brevemente, um interessante historico do Centro Cosmopolita, nos seus 14 anos de lutas sociais.

E' um trabalho que, estamos certos, despertará bastante interesse no nosso meio, pois que constituirá balanço verdadeiro da vida, por vezes accidentada, do baluarte das nossas aspirações de bem estar e liberdade, e uma narratitiva dos epizodios mais notaveis da vida associativa.

Como o COSMOPOLITA é o orgam de defeza da nossa coletividade acho conveniente o rejisto nas suas colunas de uma manifestação de despotismo patronal que, segundo chegou os nosso conhecimento está ocorrendo no conhecida Hotel do Globo.

E' o cazo que um dos proprierios desse estabelecimento e o seu seu gerente, (dois irmãos unidos para a esploração e opressão dos empregados) acabam de pôr em vigor na caza uma ordem absolutamente absurda e imbecil; quero referir-me á proibição aos seus empregados de fazerem parte da nossa associação.

Como se vê não podiam esses senhores dar uma prova cabal da sua incapacidade; improvizados de simples Joãos Mizerias em senhores de grandes poderios querem dar larga satisfação aos seus sentimentos mesquinhos, submetendo os que tem a suprema infelicidade de serem seus subalternos.

Saibam, porém, que nem sempre encontrarão creaturas doceis que a tanto se submetam. Quem escreve estas linhas [illegible] os seus companheiros atinjidos por esse atentado á sua dignidade e a sua liberdade, repilam com enerjia e altivez a audacia desses tiranos de opereta, continuando a fazer parte do Centro Cosmopolita aqueles que já o são, e a ele afiliando-se os que, porventura, não sejam ainda socios. Só unidos e concios dos nossos direitos poderemos opor um serioobstaculo aos atropelos patronai.

S. S.